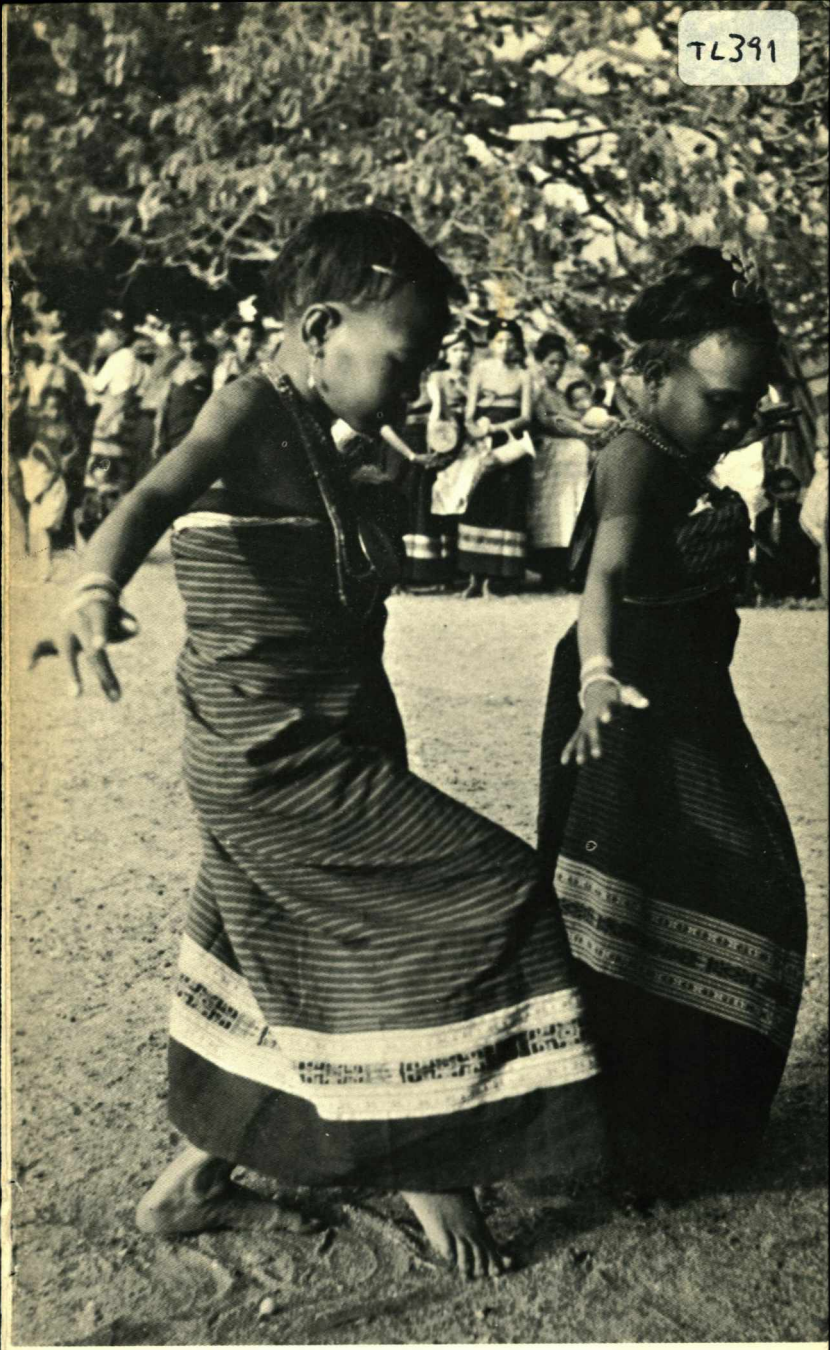
TL391



TIMOR DE RUY CINATTI

TIMOR DE RUY CINATTI

Instituto de Investigação Científica Tropical
Museu de Etnologia
Lisboa / 1987

Exposição realizada pelo
Museu de Etnologia com a colaboração
de Victor Bandeira

Lisboa, Novembro de 1987
Agosto de 1988

Apresentação breve
Ernesto Veiga de Oliveira

Brevíssimo Tratado da Província de Timor
Ruy Cinatti

Legendas
Maria Celeste Costa Paiva

À memória de Ruy Cinatti,
poeta e etnólogo,
que soube manter,
até ao fim,
fidelidade ao seu pacto de sangue.

L. de C.
ME

Apresentação breve

A exposição "Timor de Ruy Cinatti" não refere o drama do povo de Timor dos nossos dias, que em lugar da liberdade e da independência anunciadas ao seu anceio e que marcariam o nascer de uma nova promessa de paz, encontrou a dominação do estrangeiro, a violência, o sofrimento, a morte, e a necessidade da guerrilha, da fuga, do exílio. Ela pretende apenas dizer o que era a cultura timorense ao tempo em que o Poeta viveu na ilha, que conheceu e amou como sua terra de eleição a ponto de se ligar a ela para sempre por um pacto de sangue: uma cultura ancestral na pureza da sua integridade originária, expressão de um convívio ainda pleno com os seus deuses primordiais e com a realidade dos seus mitos e simbolos.

Mas essa sombra de luto e de destruição não está aqui ausente: mostrando o que são os valores genuinos dessa cultura, "Timor de Ruy Cinatti" quer também dizer o nosso protesto contra a opressão, o genocidio e o etnocidio de que é vitima o povo timorense, e afirmar o nosso respeito por ele e a nossa proximidade solidária.

***

Ruy Cinatti, figura maior da poesia portuguesa, do grupo dos "Cadernos de Poesia", e que se assinala também como homem de ciência, nomeadamente primeiro como agrónomo, vai para Timor em 1946, respondendo a um irreprimivel apelo de aventura (que seguidamente o fará correr as sete partidas do mundo), e vêmo-lo como

professor de desenho no liceu de Dili em 1947. Data logo dessa primeira estadia ali a paixão do Poeta pela ilha —a "ilha verde e vermelha" do belo livro de Alberto Osorio de Castro, que tanto devia contribuir para modelar a visão da ilha do próprio Ruy Cinatti —, paixão feita de sentimento, de conhecimento e de compreensão, que condicionará doravante a sua vida profissional, e o fará voltar a visitá-la várias vezes em diversas missões de estudo, e nela permanecer largas temporadas.

São desse período os escritos agronómicos fundamentais de Ruy Cinatti, quase na sua totalidade versando temas timorenses; e além do que representou na formulação e enriquecimento do seu universo afectivo e científico, Timor, pelo impacto que a sua cultura teve no espírito do nosso Poeta-Homem de Ciência, situa-se na origem do seu interesse pela Antropologia (que o levou a preparar um doutoramento nesses domínios em Oxford), que vinha ao encontro do seu humanismo e do seu profundo sentido da vida; e com Timor inaugurou-se e fechou-se o ciclo das suas actividades de investigação antropológica, assinaladas basicamente por três obras que só agora vêm a lume: **Motivos artísticos timorenses e a sua integração, Arquitectura timorense,** e **Um Cancioneiro para Timor**, dos quais as duas primeiras constituem o ponto de partida, a razão de ser e o suporte temático e estrutural da presente exposição.

"Timor de Ruy Cinatti" é um olhar sobre a cultura da ilha bem amada do Poeta tal como ele a conheceu quando ali viveu: um Timor que mantinha a integridade essencial de uma cultura própria e antiga, que era como o respirar natural do povo (para lá da tristeza de uma outra situação colonial severa mas não brutal, de cujo alcance o Poeta não se apercebeu claramente, embora se mostrasse lucidamente crítico àcerca de muitas das suas manifestações), no convívio pleno com os seus deuses ancestrais e com a realidade dos seus mitos e símbolos, através de remotos ritos que impregnavam secretamente da sua força e do seu mistério o mundo colorido do sagrado em que se moviam os timorenses, e até os próprios gestos e as coisas do seu quotidiano.

Assim guiados por ele, veremos os vestígios das civilizações megalíticas — as pedras, os postes, as figuras humanizadas — nas formas concretas que assumem no ideário e na paisagem timorenses; os panos, a peça mais importante da vestimenta timorense de ambos os sexos, "justamente considerados como a expressão mais alta da arte local", no homem "signos de prestígio" e "símbolos

de hierarquia e da linhagem" (Ruy Cinatti), fabricados pelas mulheres nos teares caseiros (horizontais, de cintura), com fios de algodão tingidos igualmente pelas mulheres, e que constituem o elemento fundamental do dote que a família da noiva entrega para o casamento; as jóias, pertença das classes e famílias nobres ou mais ricas, pulseiras, colares, brincos, e sobretudo os diademas lunares de prata e os pingentes solares de ouro; as armas, espadas (por vezes sacralizadas, e algumas de origem portuguesa) e punhais, que são o símbolo do homem e a contrapartida masculina do dote matrimonial; os arreios de cavalos; as indústrias artesanais da utensilagem doméstica e de trabalho; a cestaria — os belos cestos feitos segundo a técnica local de **hexagonal compacta**, para actividades avulsas ou, por vezes, para transporte de betel e de oferendas rituais; a olaria; os recipientes e as caixas de bambu com desenhos gravados, para a cal da masca; as máscaras, apontando para a vida ritual e religiosa, as cerimónias, as festas e as danças; os instrumentos musicais, mormente os tambores; etc.

Nos panos, nas jóias, nos cestos, na olaria, deu-se preferência a peças decoradas com motivos pertencentes à imagética simbólica tradicional timorense — o que mais fundo tocaria o sentido religioso fundamental do Poeta e que este analiza e interpreta no primeiro daqueles seus livros; e num sector especial, tais motivos aparecem reproduzidos em desenhos de Fernando Galhano, que ilustram a referida obra, acompanhados por descrições interpretativas extraídas dessa mesma obra: o crocodilo, que se reporta ao mito das origens do povoamento da ilha; a serpente; o homem; o cavalo, o búfalo e o cão; a árvore, centro da aldeia e da vida, eixo do mundo cósmico; os peixes; etc. E finalmente, a fechar a exposição, a casa de Timor, apresentada (em fotografias e desenhos de plantas e cortes) nos seus sete tipos basilares, caracterizados pelos principais traços diferenciais de cada um, semelhantemente de acordo com o segundo dos mencionados livros de Ruy Cinatti, com incidência especial sobre a casa de Lautem, de que se apresentam algumas peças destacadas de particular importância, significado e beleza.

Ernesto Veiga de Oliveira

Brevíssimo Tratado da Província de Timor*

A ilha de Timor, na qual se demarca o enclave de Ocussi, em território indonésio, e a metade oriental que com a ilha de Ataúro e o ilhéu Jaco formam a província portuguesa — cerca de 19.000 km² num total de 32.000 km² —, pertence ao grupo de ilhas da Pequena Sonda, conjunto parcial do arquipélago Malaio ao sul do equador. Dista umas 400 milhas do norte da Austrália e outras tantas da Nova Guiné, a leste, e da ilha de Bali, a oeste, mas, tal como a primeira e segunda, não tem vulcões que a possam celebrizar de um momento para o outro. É antes uma ilha de formação sedimentar e metamórfica, de constituição calcárea e xistosa, com alguns afloramentos de rocha eruptiva, uns e outros constituintes distribuídos por sistemas orográficos muito acidentados que chegam a atingir, na parte portuguesa, os 3.000 metros de altura. Na costa norte, as montanhas quase se quebram no mar cuja mansidão aparente levou os Timorenses a cognominá-lo de "mar mulher", por oposição ao "mar homem" da costa sul, perigoso para a navegação. Pelo contrário, esta parte é constituída por extensas planícies, aptas para o cultivo. Todo o interior de ambas as costas se vai depois erguendo até ao dorso central da ilha através de colinas, planaltos e de encostas extremamente alcantiladas. A esta variabilidade orográfica corresponde uma não menor variabilidade climática, observável nas fisionomias da vegetação que, apesar da intensa destruição pela mão do homem, surpreendem maravilhosamente os visitantes. São paisagens múltiplas em que os aspectos

* Artigo publicado na "Revista Shell" n.º 346, de Setembro de 1963. É respeitado integralmente o texto na sua forma original.

luxuriantes da flora tropical sucedem a outros mais sóbrios ou mais semelhantes aos das regiões mediterrâneas e alpinas. Tal mosaico de microclimas, ou de efeitos paisagísticos consequentes, contradiz a opinião errada que classifica Timor como "ante-câmara do Inferno". No litoral, a temperatura é suportável, embora deprimente durante a época das chuvas. Basta, porém, subir cerca de 500 metros para se experimentarem temperaturas primaveris e mesmo frias. Uma viagem de seis horas, por determinadas estradas de Timor, começa sempre em mangas de camisa e pode acabar com muitos abafos. No posto administrativo de Huato-Builico, a 2.600 metros, apetece dormir com três cobertores de papa, embora nos saibamos situados a nove graus de latitude sul.

Do continente asiático, berço de civilizações, partiram em tempos remotos quase todos os antepassados da actual população timorense. Uns após outros, grupos étnicos distintos arribaram às praias, treparam os montes e mesclaram costumes e sangues em grau que, apesar de tudo, ainda hoje não conseguiu desvanecer as características dominantes da raça original. Os tipos negróides, afins dos melanésios e papuas da Nova Guiné, ombreiam, ainda que em menor número, com os malaios de cor acobreada e de cabelos lisos que ora se aproximam do tipo do europeu meridional, ora denunciam nos olhos obliquados a sua origem mongólica. Vestígios de povos mais antigos anunciam-se não apenas pela presença humana, como é o caso dos vedo-australoides oriundos da India, mas pelo encontro de artefactos de pedra lascada, de tipo anterior a qualquer outro usado outrora pelos grupos acima nomeados, porventura fabricados por artifícies autoctones. Portugueses metropolitanos, Chineses e africanos de Moçambique e de Angola vieram enriquecer o variado e assaz complexo caleidoscópio das etnias timorenses, população que ascende a cerca de 500.000 habitantes na província portuguesa. Costumes, crenças, modos de vida e técnicas, veiculados por falares de raiz diferente, sublinham a diversidade de tipos humanos encontrados e dão notícia das múltiplas culturas que, no decorrer de milhares de anos, se foram sobrepondo e assimilando. Um ou dois exemplos, colhidos ao acaso, permitem assegurar, no âmbito de um simples artigo, o sumário apercebido.

Quem, pela primeira vez, percorre Timor, é surpreendido por uma variedade de casas não explicável pelo aparente uniformismo das gentes que nelas vivem. Dada a curta distância que separa os diversos agrupamentos,

este contraste ainda mais se evidencia. Umas são cónicas, localizadas em geral nas montanhas; outras apresentam beiral elíptico quase rente ao solo. As mais numerosas são de três ou quatro águas dispostas em rectângulo ou em quadrado. Existem tipos intermédios que vão buscar a esta ou àquela um pormenor dominante. As casas de Lautém, por exemplo, chegam a elevar o pau de fileira a 15 metros de altura; as de Viqueque prolongam-no horizontalmente a igual distância, mas rebaixam-no a uma altura de 6 metros. Com excepção das casas em que a influência europeia é manifesta e são, por tal motivo, de piso térreo, quase todas elas assentam o sobrado sobre pilares, em obediência a normas que, segundo informação directa, traduzem preocupações antiquíssimas quanto à economia do espaço habitacional, à defesa contra inimigos e animais daninhos, e ao respeito devido a uma concepção religiosa que, estatuindo a divisão do universo em três partes, estabelece para a casa igual divisão. Assim, o corpo do telhado envolve o mundo dos espíritos dos antepassados, a residência propriamente dita o mundo dos vivos, e a parte abaixo do sobrado, o dos espíritos da Natureza, geralmente atribuídos aos animais. É a partir destas normas, consubstanciadas em mitos, lendas e até em formas específicas de construção e ornato, que se torna possível investigar as origens dos povos que a elas aderem. O estudo cuidadoso de todos estes elementos descobre, para os Timorenses, centros de origem e dispersão localizados em outras ilhas do arquipélago, e, até, fora dele. Samatra, Bornéo, Celebes e, a distâncias maiores, a Indochina e o Japão, são nomes a fixar.

Um outro aspecto, este referente ao amanho da terra e sua armação, exemplifica-se na região de Bobonaro onde, lado a lado, coexistem técnicas cujos efeitos visíveis no terreno permitem traçar linhas de fronteira entre os povos que as utilizam. Tanto os Bunak como os Belos limpam a terra, cercam-na de sebes vivas e de paliçadas e só em declives mais pronunciados esboçam taludes de terra amassada, aqui e ali reforçados por estacas. Os Kemak, seus vizinhos, edificam terraços amuralhados com pedra cuidadosamente ajustada, e sobrepõem-nos, do sopé ao cimo das montanhas, como se fossem degraus de grandiosa escadaria. O efeito é surpreendente e julga-se, à primeira vista, estar-se em presença de uma obra de gigantes. Mas o trabalho é dos homens que, ao longo de gerações sucessivas, foram pacientemente laborando os ditames de um saber infuso, hoje perdurável apenas nas mãos.

Pigaffeta, cronista de Fernão de Magalhães e autor da primeira notícia circunstanciada sobre Timor em língua europeia, refere-se ao junco de Luzon que encontrou em 1522 num dos portos da ilha "para fazer o comércio do sândalo". Esta referência não só pormenoriza a natureza das relações então existentes entre Timor e as Filipinas, como sugere a hipótese de um contacto mais íntimo, efectuado possivelmente em data anterior à relatada. De facto, não parece exagero aproximar os terraços amuralhados dos Kemak, de outros que, em maior escala, revestem os vales e as montanhas da região de Baguio, na ilha de Luzon. A sugestão, aliás confirmada por outros aspectos da colonização de determinadas áreas de Timor por gente filipina do grupo Igorot, é mais do que plausível. Os Bunak, por exemplo, contam que os seus antepassados abordaram Luzon antes de terem subido aos montes de Timor, meta definitiva da sua longa peregrinação.

Os Timorenses dizem, também, ter sido conquistados pela cruz e não pela espada. Esta afirmação, proclamada sobretudo quando os olhos são mais eloquentes do que a língua, foi apreendida por estrangeiros que, gratuitamente, a transmitiram ao mundo. William Dampier, navegador inglês, relata que os Timorenses se ufanam da religião que os Portugueses lhes trouxeram e do sangue lusitano que lhes corre nas veias. Acrescenta, ainda, ser ofensa grave pôr alguém em dúvida tal afirmação. Isto passava-se em 1699, data em que visitou Lifau, então capital do Timor português, localidade onde encontrou por junto três metropolitanos, dois dos quais sacerdotes. Os tempos mudaram, mas não os sentimentos, nem muito menos a convicção genealógica. Quem percorrer Timor pode ainda hoje verificar estes factos e a sua perdurabilidade aquém e além de quaisquer circunstâncias que adversamente pareçam ocultá-los. Nos sítios mais recônditos há sempre uma bandeira guardada com precioso recato. Ou um crucifixo que os próprios gentios veneram e identificam com os símbolos do seu saber mais antigo: a árvore sagrada, o tronco afeiçoado à figura de um homem, com os braços abertos... Ou uma carta de nomeação, passada em nome de El-Rei e conservada num bambu, suspenso do travejamento da casa, juntamente com a espada de guerra dos antepassados...

Quem conviver com os Timorenses talvez possa aperceber-se, se é que a cegueira ou a insensibilidade não o impedem de todo, daquele mínimo de delicadeza

que é condição de comunhão entre os homens e atributo de relações humanas duradoiras. Há um gesto que seduz: simples franzir do beiço embigodado num velho que depois se acolhe como criança no abraço que o envolve. Uma confiança tácita no poder sacral do metropolitano que ultrapassa e muitas vezes procura justificar profanidades que, à maneira dos gregos, são consideradas humanas, demasiado humanas. Lembro agora aquele governador que aconselhou a duplicação da área do cultivo — "para que haja comer para ti e para os ratos" — a um velho chefe que se atrevera a pedir providências contra a praga que em poucos dias, lhe tinha destruído a seara do arroz. O caso foi muito comentado entre os timorenses da Ermera, com o sabor ligeiro de revista lisboeta, mas o comentário jamais atingiu a primeira autoridade da Província. Há ainda aquele jovem, sedento de justiça, que palmilhou dezenas de quilómetros e logo deixou, uma vez satisfeito o seu desejo, singelo presente em sítio onde só pudesse ser encontrado depois de ter partido. E, para terminar a série de exemplos em que a humildade implícita no quotidiano se define como característica dominante, este outro em que a mesma virtude se projecta no plano do intemporal, aureolada por não menos profunda vivência: um timorense que não queria vender um Cristo de marfim, trocá-lo-ia por outro de barro, explicando, como a desculpar a ignorância de quem desejava comprar coisas que se não vendem, que a troca não tinha importância porque "Deus era o mesmo..." fosse de barro ou de marfim.

Como religar estes actos, atitudes, vivências, a um sistema de valores que, bem definido por padrão de cultura ao alcance de todos, torne universais, ou aproxime de nós, os seus protagonistas?

Esta pergunta traz um apelo irresistível na resposta que afirma: os Timorenses comportam-se como heróis camilianos. Serenos e precisos nas suas determinações, por vezes espectacularmente barrocas — haja em vista a morte de D. Jeremias de Luca e de D. Aleixo Corte Real, durante a ocupação japonesa — os seus gestos passam, ante os nossos olhos, como o desenrolar de uma *Novela do Minho*.

Não encontram, porém, os Timorenses, ao contrário dos Minhotos, a devida compreensão, nem são integrados em esquemas coerentes com as suas próprias coordenadas; assim as suas acções parecem aos olhos dos que não os entendem, ora pueris ora subservientes, ora apáticas em extremo, ora demonstrativas de mentalidades

arcaicas. Poucos haverá que se apercebam da realidade e saibam transformar, para além de qualquer oportunismo de ordem política, vinculações tão profundas a uma verdade prática. Os tempos mudaram, mas não os Timorenses. O resto é o café, a copra, a borracha, o milho, o arroz, o feijão, os braços de quem cultiva, etc., etc... e ainda o sândalo, verdadeiro resto, hoje quase apenas vivo naqueles versos de Camões que trouxeram Timor ao conhecimento do mundo:

Ali também Timor que lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso.

Ruy Cinatti

Legendas

1 — Estatueta — Ete-Uru-A
Timor, Los Palos

Em madeira de laico, frustemente esculpida. Figura uma mulher de pé.

Representa o antepassado feminino que se coloca no local de culto. Ver 2.

Pela sua resistência e duração, a madeira de laico é utilizada no fabrico destas estatuetas que representam e encarnam os antepassados, cuja presença entre os descendentes se perpetua pela durabilidade das mesmas.

As que representam o antepassado feminino são talhadas em árvores que os timorenses identificam como sendo fêmeas, do mesmo modo que as que figuram o ancestral masculino são esculpidas em árvores tidas como machos.

Alt. 0,90.
AL. 487

2 — Estatueta — Ete-Uru-A
Timor, Los Palos

Em madeira de laico, frustemente esculpida. Figura um homem de pé.

Representa o antepassado masculino que se coloca no local de culto. Ver 1.

Alt. 0,94.
AL. 548

3 — Estatueta
Timor

Em madeira, frustemente esculpida. Figura uma mulher de pé.

Representa o antepassado feminino que se coloca no local de culto. Ver 4.

Alt. 1,07.
AF. 418

4 — Estatueta
Timor

Em madeira, frustemente esculpida. Figura um homem de pé.

Representa o antepassado masculino que se coloca no local de culto. Ver 3.

Alt. 1,09.
AF. 419

5 — Máscara
Timor, Lautem-Soro

De madeira, decorada com crinas e pedaços de pele com pelagem. Figura um rosto humano.
Utilizada em cerimónias e danças rituais, simboliza o antepassado.
Alt. 0,30.
AF. 500

6 — Máscara
Timor, Lautem-Soro

De madeira decorada com retalhos de pele, fibras vegetais e crinas. Figura um rosto humano.
Utilizada em cerimónias e danças rituais, simboliza o antepassado.
Alt. 0,34.
AF. 509

7 — Máscara
Timor

De madeira, Figura um rosto humano.
Utilizada em cerimónias e danças rituais, simboliza o antepassado.
Alt. 0,27.
AP. 043

8 — Pano — Tais mane
Timor

De algodão franjado nas pontas e constituído por 3 bandas cosidas entre si longitudinalmente. A banda central, de fundo na cor natural, é ricamente bordada nos tons rosa-velho, salmão e cinzento. As bandas laterais, de fundo rosa-velho, são ornadas com barras obtidas pela técnica de decorado de urdidura suplementar, cujos motivos geométricos correspondem a estilizações do crocodilo, animal cuja representação, carregada de simbolismo, se liga aos mitos de origem.
Saliente-se que a tecelagem é em Timor uma actividade essencialmente feminina reservando-se aos homens apenas o cultivo do algodão. Utiliza-se o tear horizontal de cintura.
Comp. 1,96; larg. 1,42.
AZ. 822

9 — Pano — Tais mane
Timor

De algodão, franjado nas pontas e constituído por 3 bandas cosidas entre si longitudinalmente. A banda central, de fundo na cor natural, é decorada com bordados nos tons rosa, azul escuro, salmão e amarelo. As bandas laterais, de fundo rosa-velho, apresentam barras obtidas pela técnica de decorado de urdidura suplementar. Os motivos das barras nos tons azul escuro e branco sujo correspondem a estilizações geométricas do homem e os motivos das barras nos tons rosa-velho e branco sujo a estilizações do crocodilo.
Comp. 1,96; larg. 1,29.
AZ. 823

10 — Pano — Tais feto
Timor, Los Palos

De algodão, constituído por 2 bandas cosidas entre si, dobradas e cosidas de modo a formar uma manga. De barras listadas alternando com outras ornadas de motivos figurativos e simbólicos, e legendas, obtidas pela técnica de decorado de urdidura suplementar. Cinco destas barras têm inscrita uma legenda que se repete: O=CORO=RATU= =MIMIRACA=1940-ROSO=, em branco sujo sobre fundo arroxeado. Destacam-se mais duas largas barras, nos mesmos tons, cujo padrão combina motivos zoomórficos e antropomórficos, conjugados com letras.

Comp. 1,26; larg. 0,53.
AZ. 810

11 — Pano — Tais feto
Timor

De algodão, constituído por 4 bandas cosidas entre si, dobradas e cosidas de modo a formar uma manga. Listado, apresenta duas largas barras obtidas pela técnica do "ikat" simples de urdidura, com motivos que correspondem a estilizações geométricas da figura humana. A representação da figura humana na panaria timorense encerra um profundo significado mágico-protector, ligado ao culto dos antepassados.

Comp. 1,66; larg. 0,56.
AF. 506

12 — Pano — Tais mane
Timor

De algodão, constituído por 2 bandas cosidas entre si no sentido do comprimento, e franjado nas extremidades. Listado, realçam-se duas barras laterais, de fundo preto e motivos azulados, obtidas pela técnica do "ikat" simples de urdidura. Os motivos destas barras correspondem a estilizações geométricas da figura humana.

Comp. 1,92; larg. 1,31.
AZ. 815

13 — Pano — Tais mane
Timor

De algodão, franjado nas pontas e constituído por duas bandas simétricas cosidas entre si no sentido longitudinal. De corpo central preto, as partes laterais são ornadas com uma barra de fundo preto e motivos esbranquiçados, obtida pela técnica do "ikat" simples de urdidura. Os motivos destas barras são uma expressão geométrica e muito estilizada da figura humana.

Comp. 1,68; larg. 1,16.
AZ. 788

14 — Pano — Tais mane
Timor, Ocusi (grupo Vaikenu)

De algodão, constituído por duas bandas simétricas cosidas entre si longitudinalmente e franjado nas pontas. Listado, destacam-se duas largas barras laterais, cujo desenho é obtido pela técnica do "ikat" simples de urdidura, de fundo azul escuro e motivos esbranquiçados. Os motivos de carácter geométrico e abstracto dizem respeito a estilizações da figura humana.

Comp. 1,74; larg. 1,14.
AZ. 785

15 — Pano — Tais mane
Timor

De algodão, franjado nas extremidades, é constituído por duas bandas cosidas entre si no sentido longitudinal. Listado, da sua decoração sobressaiem duas largas barras de fundo azul escuro e motivos esbranquiçados, obtidas pela técnica do "ikat" simples, de urdidura. Os motivos destas barras "ikatadas" dizem respeito a representações simbólicas da figura humana.

De realçar que as aves — o Còrlile ou Tirlolo — que se vêm nas extremidades das figuras humanas representadas nas barras "ikatadas" mais largas são identificadas com a alma do morto. Nas barras mais estreitas está representada, de um modo mais estilizado, a figura ancestral.

Comp. 1,94; larg. 1,29.
AZ 819

16 — Pano — Tais feto
Timor, Cova (grupo Belu Tetum)

De algodão, constituído por três bandas cosidas entre si, dobrado e cosido de modo a formar uma manga. Listado, da sua decoração destacam-se quatro barras, cujo desenho geométrico foi obtido pela técnica do "ikat" simples de urdidura. Os motivos das barras correspondem a representações estilizadas do crocodilo, animal com profundo significado simbólico na temática mitológica timorense.

Comp. 1,77; larg. 0,57.
AZ. 791

17 — Pano — Lau
Timor, Los Palos

De algodão, de uma só banda, listado de várias cores e ornado de motivos fitográficos obtidos pela técnica de decorado de urdidura suplementar. Nas extremidades, uma larga barra de bordado de canotilho, cujo motivo central corresponde a estilizações de aves.

Comp. 0,94; larg. 0,48.
AL. 495

18 — Tear horizontal de cintura com teia montada
Timor

Teia dobrada em O, montada entre dois travessões, com barra separadora, régua batente, liço simples de tracção manual, e espaldar.

Usado na tecelagem manual.
Comp. 1,40.
AZ. 860

19 — Bolsa — Kohe
Timor, Reino de Batucadé

De pano, revestida de missangas coloridas que formam desenhos geométricos. No interior tem outra bolsa feita de tiras vegetais entretecidas pela técnica do entrecruzado em diagonal.

Usada para guardar o betel, masca constituída pela folha do mesmo nome, nóz de areca e cal.

Comp. 0,14.
AM. 507

20 — Bolsa
Timor, Reino de Kova

De pano, decorada com moedas várias, missangas brancas e uma longa franja com moedas suspensas.
Uso utilitário.
Comp. 0,58.
AM. 510

21/23 — Adornos de cabeça
Timor

Aro em arame forrado com tiras vegetais entrecruzadas, donde se eleva um pé alto enrolado com fios de algodão e do qual parte um tufo de plumagem nas cores azul, amarelo, roxo e rosa.
Usado nas ocasiões cerimoniais tanto por homens como por mulheres.
Alt. 0,38; diâm. do aro 0,17. Alt. 0,34; diâm. do aro 0,16. Alt. 0,35; diâm. do aro 0,16.
AO. 598. AO. 654. AO. 806

24 — Adorno — Bibo-Hulo
Timor

Dois pedaços de pele em forma de manga, com longa pelagem amarela dourada e castanha.
Usado como elemento decorativo nas pernas, junto ao tornozelo, por ocasião das danças cerimoniais.
Comp. 0,22; larg. 015.
AF. 579

25 — Adorno
Timor

Par de penachos de cauda de galo, cujas hastes se reunem numa espécie de cabo prolongado por um arco pequeno de lasca de bambu.
Usado como adorno de cabeça pelos dois sexos, nas cerimónias e danças rituais.
Comp. 0,56.
AF. 578

26 — Adorno
Timor

Penacho com penas coloridas na base e um tufo de penas de galo brancas. Cabo em alça envolvido por cordel rosa e laranja.
Usado como adorno de cabeça pelos dois sexos, nas cerimónias e danças rituais.
Comp. 0,64.
AM. 631.

27 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com quatro moedas das Índias holandesas, dispostas três em leque e a outra na base destas.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,12.
AM. 469

28 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com duas moedas da Rainha Vitória.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,11.
AM. 471.

29 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com um florão de metal amarelo guarnecido.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,11.
AN. 983

30 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com um florão guarnecido.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,12.
AM. 474

31 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com um florão guarnecido.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,13.
AM. 473

32 — Prego de cabelo — Ulun-Suku
Timor

De prata, aguçado e decorado com três rosáceas e uma pedra vermelha incrustada na parte central.
Usado para prender e adornar o cabelo.
Comp. 0,10.
AM. 477

33 — Adorno de cabeça — Kai-Bawk
Timor

De prata, em forma de crescente, com as pontas encimadas por pequenos discos com pingentes e ao centro uma forma mamilar.

Estas peças, idealmente feitas em ouro ou prata, são usadas por indivíduos de ambos os sexos, hoje apenas em ocasiões festivas e actos solenes.

Tradicionalmente associadas ao "status" nobiliàrquico ou guerreiro, o simbolismo sugerido pela sua configuração tem dado origem a várias explicações.

Para uns tratar-se-ía de uma estilização do chifre de búfalo, animal com importante papel na vida ritual timorense.

Desempenhando um papel multiactivo, o búfalo é o animal de trabalho nas várzeas de arroz, é símbolo de prestígio e constitui parte da prestação masculina nas cerimónias que acompanham o Bar-Lak (casamento) e é ainda o animal sacrificial nos ritos agrícolas, propiciatórios e mortuários.

A sua forma leva outros à hipótese de um simbolismo duplo: crescente lunar e chifres de búfalo.
Comp. 0,40.
AM. 491

34 — Adorno de cabeça — Kai-Bawk
Timor, Tatamailao

De prata, em forma de crescente, com as pontas emboladas, uma forma mamilar ao centro e uma legenda: BERE-LAME-LAU.
Comp. 0,31.
AM. 490

35 — Adorno de cabeça — Kai-Bawk
Timor (grupo Kemak)

De prata, em forma de crescente e ornado de três calotes.
Comp. 0,26.
AN. 986

36 — Adorno de cabeça — Kai-Bawk
Timor

De latão, em forma de crescente, com as pontas terminadas por uma espécie de cálice de flor, soerguendo-se ao centro umas hastes.
Comp. 0,24.
AK. 561

37 — Adorno de cabeça — Kai-Bawk
Timor

De prata, em forma de crescente, ornamentado de botões vazados, soerguem-se ao centro umas hastes.
Comp. 0,23.
AK. 562

38 — Medalhão — Mtura
Timor (grupo Kemak)

Disco de metal, com a meia lua usual dos adornos de cabeça gravada a punção.

Hoje apenas usado em ocasiões festivas, este adorno, feito em ouro ou prata, ligava-se tradicionalmente ao "status" nobre ou guerreiro, sendo ostentado como símbolo de prestígio.

Usado por ambos os sexos, o das mulheres, é, em geral, de menor dimensão.

Ruy Cinatti associa este adorno a uma representação do Sol e o adorno de cabeça à Lua, para além da sua ligação ao chifre do búfalo.

Em várias línguas timorenses a designação de Ente Supremo combina as palavras que significam Sol e Lua. Deste modo, o seu uso nobiliárquico pode estar ligado à antiga crença de ascendência solar e divina dos chefes, facto que confere a estes adornos um carácter de símbolo religioso.
Diâm. 0,13
AN. 987

39 — Medalhão — Belak
Timor

Disco de metal amarelo, com duas figuras estelares de oito pontas e uma cruz gravadas a punção.
Diâm. 0,17
AF. 462

40 — Bracelete aberto — Buti-Liman
Timor

De metal prateado, com frisos decorativos em relevo junto à abertura.
Adorno.
Diâm. 0,08.
AM. 455

41 — Bracelete aberto — Buti-Liman
Timor

De metal prateado, com motivos decorativos em relevo junto à abertura e desenhos incisos de figuras humanas, palmeira, serpente, burro, galos, peixes, crocodilos, etc.
Planificação geral dos motivos de Fernando Galhano.
Adorno.
Diâm. 0,07.
AJ. 356

42 — Bracelete
Timor

De pedra preta, mesclada de manchas amarelas e vermelhas.
Usado como amuleto contra doenças.
Diâm. 0,11
AM. 464

43 — Pulseira
Timor

De tartaruga, decorada com desenhos incisos cheios a massa clara.
Adorno.
Diâm. 0,09
AK. 481

44 — Pulseira
Timor

De tartaruga, com desenhos incisos cheios a massa branca.
Adorno.
Diâm. 0,09
AE. 173

45 — Pulseira
Timor

De marfim, com dois filetes incisos em linhas paralelas.
Adorno.
Diâm. 0,09.
AM. 463

46 — Pulseira
Timor

De marfim, lisa.
Adorno.
Diâm. 0,08.
AM. 457

47 — Pulseira — Keke
Timor (grupo Kemak)

De prata, aberta e decorada com um botão saliente.
Adorno.
Eixo maior 0,07.
AN. 988

48 — Pulseira — Keke
Timor

De prata, aberta e ornada na face exterior com florões em ressalto.
Adorno.
Eixo maior 0,08.
AM. 452

49 — Pulseira — Keke
Timor

De prata, aberta e com a face exterior decorada com filetes encordoados e pequenas rosáceas, e ao meio uma pirâmbula esferoide com um guizo.
Adorno.
Eixo maior 0,07.
AM. 450

50 — Pulseira — Keke
Timor

De prata, aberta e com os bordos decorados com um friso de cravos e filetes encordoados e espiralados.
Adorno.
Eixo maior 0,07.
AM. 451

51 — Pulseira — Keke
Timor

De prata, aberta e com a face exterior decorada com frisos espiralados e pequenas esferas em relevo. Ao meio uma casa timorense ladeada por duas figuras humanas segurando galos.
Adorno.
Eixo maior, 0,09.
AM. 445

52 — Colar
Timor, Okussi

De contas de várias formas e cores, com um apito de madeira ao jeito de pingente e uma medalha de Nossa Senhora de Fátima.
Adorno.
Comp. 0,30.
AM. 494

53 — Fio com medalhão
Timor

De prata, com medalhão elíptico lavrado e figurando uma carranca.
Adorno.
Comp. 0,41.
AM. 498

54 — Colar
Timor

De contas discóides alaranjadas, com uma conta de ouro vazada.
Denominadas pelos europeus de "mutissala" e pelos timorenses de "mor-tem", estas contas possuem enorme valor na sociedade tradicional timorense. Usadas para pagamento de indemnizações relativas a crimes, designadamente de homicídio e de adultério, e constituindo parte da compensação matrimonial, a posse de colares de "mutissala" é uma manifestação de riqueza, podendo um colar valer um número razoável de búfalos.
Quanto à sua natureza, muitas hipóteses se têm levantado, apontando alguns a de se tratar de coral fossilizado e outros a de ser produto de queimadas. O facto é que é enorme o seu valor na sociedade tradicional timorense.
Comp. 0,48.
AM. 541

55 — Brincos — Mamolic
Timor

De prata, têm a forma de uma amêndoa terminando a parte que se adapta ao lóbulo em duas hastes.
Adorno.
Comp. 0,04.
AM. 500

56 — Brincos — Mamolic
Timor

De prata, de forma pentagonal e guarnecidos com elementos esferoides.
Adorno.
Comp. 0,03.
AM. 501

57 — Brincos — Mamolic
Timor

De prata, com forma de Omega encimada por cinco espirais e decorada com corpúsculos globulares que fazem lembrar um diadema triangular.
Adorno.
Comp. 0,04.
AM. 502

58 — Adorno
Timor, Okussi

Guizos de metal, em forma de pera fendida, enfiados num cordão e

separados por pedaços de bambu.
Usado nas danças cerimoniais.
Comp. 0,73.
AM. 512

59 — Pente — Sasuit
Timor

De chifre, em forma de meia lua e testeira guarnecida com uma fila contínua de moedas de prata.
Usado também como adorno.
Comp. 0,24.
AM. 488

60 — Pente — Sasuit
Timor

De chifre, em forma de meia lua e testeira guarnecida com uma fila contínua de moedas de prata e mais três na parte central.
Usado também como adorno.
Comp. 0,18.
AJ. 782

61 — Pente — Sasuit
Timor

De chifre, em forma de semi-círculo e testeira revestida com uma chapa de cobre prateada adornada com florões e meias esferas.
Usado também como adorno.
Comp. 0,14.
AM. 489.

62 — Pente — Sasuit
Timor

De tartargua, testeira em arco e ornada duma cimalha vazada com representações minúsculas de chifres a delimitá-la, tendo na ponta de cada chifre a figuração de uma ave.
Usado também como adorno.
Comp. 0,13.
AF. 464

63 — Pente — Sasuit
Timor

De tartaruga, testeira em crescente e ornada duma cimalha recortada e com traços incisos cruzados.
Usado também como adorno.
Comp. 0,17.
AJ. 787

64 — Pente — Sasuit
Timor

De tartaruga, testeira em arco decorada com duas saliências em volutas.
Usado também como adorno.
Comp. 0,11.
AF. 463

65 — Espada — Surik
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre preto encimado por um copo de prata e bainha de madeira recoberta por chapa metálica. Profusamente decorada.

No passado, estas espadas eram utilizadas nas guerras e com elas os bravos guerreiros cortavam a cabeça dos inimigos mortos em combate, seguindo uma tradição que marcava o fim dos combates.

O prestígio militar e económico está ainda hoje ligado a estas espadas, especialmente as de Makassar, precioso adereço timorense que, a par de outros bens, faz parte dos presentes entregues pela família do noivo à família da noiva nos casamentos tradicionais.

Muitas destas espadas vieram de fora, mas outras há que são de fabrico local. A indústria de ferro está em Timor ligada à utilização do fole vertical, constituído por dois bambus implantados no solo, unidos um ao outro e com os septos perfurados de modo a permitir o movimento alternado dos êmbolos, formados por paus munidos na extremidade inferior de tufos de penas de galinha.

É comum os punhos das espadas apresentarem crinas de cavalo suspensas, ou tomarem a forma de uma cabeça de galo, sugerindo recurso à magia simpática: o detentor da espada ganharia no seu manejo quer a velocidade do cavalo quer a bravura do galo.

Utilizada como arma.
Comp. 0,82.
AM. 482.

66 — Espada — Surik
Timor

Lâmina de ferro e punho forrado a chapa e guarnecido com penacho de crinas vermelhas suspensas. Bainha de madeira, com sectores delicadamente esculpidos e outros envolvidos por delgada fita metálica. Como complemento ornamental várias moedas holandesas do século XIX.

Arma.
Comp. 0,78.
AA. 692

67 — Sabre — Surik
Timor

Lâmina de ferro, punho de madeira decorado com uma rosácea e entrançados, e um penacho de crinas pretas. Bainha de madeira, com a parte superior decorada com espirais entalhados e a parte inferior em feitio de cutelo e apertada por um entrançado de fibras vegetais.

Arma.
Comp. 0,71.
AM. 558

68 — Sabre — Surik
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre terminado em voluta de marfim e decoração em relevo. Bainha de chifre com a extremidade inferior em voluta, decorada com chapa metálica e uma inscrição: F. SOOELONG P.

Arma.
Comp. 0,98.
AM. 480

69 — Sabre — Surik
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre em forma de cabeça de galo e decorado com estrelas, animais fantásticos e outros motivos em metal. Bainha de chifre, decorada com chapa metálica.
Arma.
Comp. 1,05.
AM. 579

70 — Punhal
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre, em forma de cabeça de um animal. Bainha de madeira decorada com chapa metálica e duas inscrições: ABC e JMF.
Arma.
Comp. 0,43.
AM. 591

71 — Punhal
Timor, Bubonaro

Lâmina de ferro, punho de chifre em forma de cabeça humana. Bainha de madeira decorada com anéis de chifre.
Arma.
Comp. 0,33.
AF. 414

72 — Espada
Timor

Lâmina de ferro , punho de latão. Bainha de madeira, ornada com motivos espiralados e ponta guarnecida por uma manga de latão. Banda de suspensão verde e encarnada.
Arma.
Comp. 0,69.
AM. 589

73 — Catana
Timor

Lâmina de ferro, punho de madeira e braço dobrado em forma de asa. Bainha de couro de búfalo, ornada com motivos estilizados.
Arma.
Comp. 0,67.
AM. 678

74 — Faca — Tudik
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre com um embutido de marfim gravado e a extremidade em forma de uma garra que aperta uma bola. Bainha de chifre com a parte superior decorada com formas espiraladas.
Arma.
Comp. 0,34.
AM. 555

75 — Faca — Tudik
Timor

Lâmina de ferro, punho de chifre preto com figura antropomórfica esculpida. Bainha de couro. Corrente de suspensão.
Arma.
Comp. 0,31.
AM. 562

76 — Moca
Timor

De madeira escura, com cabeça piriforme e decoração de entalhes na extremidade da haste.
Arma.
Comp. 0,48.
AM. 604

77 — Enxó
Timor

Lâmina de ferro, decorada com desenhos incisos de um peixe e uma figura estilizada numa das faces, e na outra um coração encimado por uma estilização. Cabo de madeira.
Comp. 0,48.
AB. 977

78 — Cabeçada de freio — Kabreso (do Português "cabresto")
Timor

Hastes de chifre de búfalo, com freio de bronze terminado em cada extremidade por um medalhão de bronze fundido.
Arreio de cavalo.
Comp. 0,52; diâm. do medalhão 0,20.
AM. 654

79 — Pingalim
Timor

Haste de junco, dobrada sobre si a meio do comprimento de modo a formar uma argola. A zona do punho é envolvida por malha de fios vermelhos, verdes e amarelos.
Usado pelo cavaleiro.
Comp. 0,71.
AM. 657

80 — Chicote
Timor

De couro de búfalo entrançado, com a parte superior metida numa malha de fibra e punho de madeira em forma de figura feminina.
Usado pelo cavaleiro.
Comp. 0,60.
AM. 614

81 — Selim
Timor

De corda entrançada.
Arreio de cavalo.
Comp. 0,47.
AZ. 884

82 — Medalhão de freio
Timor

De bronze, com abertura circular ao centro e bordo ornado de rasgos radiais.
Ornamento de freio de cavalo.
Diâm. 0,18.
AZ. 475

83 — Medalhão de freio
Timor

De bronze, com abertura circular ao centro e bordo ornado de rasgos radiais.
Ornamento de freio de cavalo.
Diâm. 0,18.
AF. 474

84 — Medalhão de freio
Timor

De bronze, com abertura circular ao centro e bordo ornado de rasgos radiais.
Ornamento de freio de cavalo.
Diâm. 0,22.
AM. 638

85 — Citara tubular
Timor

Feita de bambu, com 8 cordas de tiras da casca que se separam do corpo do bambu por cortes longitudinais.
Instrumento musical, idiofone.
Comp. 0,40; diâm. 0,09.
AC. 024

86 — Búzio
Timor, Los Palos, Bou

Concha de um molusco gastrópode.
Instrumento muscial, aerofone.
Utilizado pelo chefe de um grupo de aldeias para reunir o seu povo.
Em Timor esses grupos de aldeias ou famílias étnicas são denominados "sucos" e estão centralizados na autoridade de um chefe que, com os seus pares de outras aldeias, obedece ao régulo.
Comp. 0,40.
AL. 501

87 — Trompa
Timor

Chifre de búfalo com uma saliência para a passagem da corda de suspensão e orifício na ponta.
Instrumento musical, aerofone.
Comp. 0,39.
AM. 629

88 — Flauta — Genu
Timor (grupo Kemak)

Feita de cana, com entalhe, toca-se na vertical. Dois pares de furos melódicos.
Instrumento musical, aerofone.
Comp. 0,92; diâm. 0,01.
AN. 969

89 — Gongo — Kom
Timor (grupo Kemak)

De chapa metálica, circular, pintado de preto com pinceladas brancas no interior. Tem percussor e cordão de suspensão.
Instrumento musical, idiofone.
Diâm. 0,22.
AN. 968

90 — Clarinete — Koke
Timor

Feito de cana, com palheta livre e campânula cónica de folha de palmeira. Toca-se transversalmente.
Instrumento musical, aerofone.
Comp. 0,83.
AZ. 882

91 — Flauta de bisel — Oioilu
Timor

Feita de cana, com canal de ar exterior de folha de palmeira e dois furos melódicos.
Instrumento musical, aerofone.
Comp. 0,33.
AZ. 883

92 — Assobio
Timor

De madeira, composto de dois elementos que encaixam entre si, com a junta rematada por um enrolamento de fio e massa resinosa. Bocal talhado em dois planos desencontrados e desiguais, com coluna de ar cónica, uma câmara globular mais larga e 2 furos melódicos simétricos.
Instrumento musical, aerofone.
Usado para chamar animais.
Comp. 0,36.
AM. 532

93 — Campainha
Timor, Okussi

De bronze, em forma mais ou menos piramidal. Badalo de chifre.
Instrumento musical, idiofone.
Alt. 0,95.
AF. 458

94 — Guizo
Timor, Okussi

De metal amarelo, de forma esferoide. Bola de ferro serve de percu-

tor. Ligado a insignias de nobreza.
Instrumento musical, idiofone.
Diâm. 0,07.
AF. 460

95 — Tambor — Baba, Tohini
Timor, Bobonaro, Atabai

De madeira, unimembranófono, em forma de cálice, com duas baquetas. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,87; diâm. 0,38.
AF. 491

96 — Tambor — Baba, Tohini
Timor, Bobonaro, Atabai

De madeira, unimembranófono, em forma de coluna, com 3 pés. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,91; diâm. 0,27.
AF. 494

97 — Tambor
Timor

De madeira, unimembranófono, em forma de tronco de cone invertido. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,77; diâm. 0,35.
AM. 669

98 — Tambor — Baba, Tohini
Timor, Bubonaro, Atabai

De madeira, unimembranófono, em forma de cálice. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,64; diâm. 0,27.
AF. 540

99 — Tambor
Timor

De madeira, unimembranófono, em forma de coluna. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 074: diâm. 0,25.
AF. 059

100 — Tambor
Timor

De madeira, unimembranófono em forma de cone alongado, com corda de suspensão. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).

Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial. Tocado pelas mulheres, é suspenso do ombro e colocado por baixo do braço.
Alt. 0,29; diâm. 0,10.
AM. 644

101 — Tambor
Timor

De madeira, unimembranófono em forma de cálice. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson) e polido.
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial. Tocado pelas mulheres.
Alt. 0,25; diâm. 0,11.
AO. 035

102 — Tambor — Dudu Baú
Timor (grupo Kemak)

De madeira, unimembranófono, em forma de cone alongado, com corda de suspensão. Pintado de preto e polido.
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial. Tocado pelas mulheres, é suspenso do ombro e colocado por baixo do braço.
Alt. 0,29; diâm. 0,12.
AN. 965

103 — Tambor
Timor

De madeira, bimembranófono em forma cilíndrica, com corda de suspensão. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,22; diâm. 0,15.
AM. 647

104 — Tambor — Baba, Tohini
Timor, Bubonaro, Atabai

De madeira, bimembranófono, em forma cilíndrica, com corda de suspensão e 2 baquetas. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,61; diâm. 0,32.
AF. 541

105 — Tambor
Timor

De madeira, bimembranófono, em forma cilíndrica, com corda de suspensão e 3 baquetas. Decoração em sulcos espiralados (motivo Dongson).
Instrumento musical, membranofone.
De uso cerimonial.
Alt. 0,49; diâm. 0,26.
AF. 495

106 — Colher — Kanuru
Timor

De casca de côco e cabo vazado e entalhado.
Comp. 0,15.
AF. 469

107 — Colher — Kanuru
Timor

De casca de côco e cabo decorado com motivos entalhados e vazados.
Comp. 0,19.
AF. 470

108 — Colher — Kanuru
Timor

Feita de concha, nacarada na superfície côncava, e cabo recortado nos bordos.
Comp. 0,25.
AZ. 886

109 — Colher — Kanuru
Timor

De chifre escuro, cabo vazado e recortado, desenhando um par de figuras humanas de frente uma para a outra.
Comp. 0,17.
AJ. 959

110 — Colher
Timor

De chifre claro, cabo em forma de cabeça de galo, enroscando-se à volta do pescoço uma serpente. De notar que na cosmogonia timorense a serpente é a expressão oculta de Maromak, a divindade suprema associada ao Sol, sendo o galo o animal sacrificial nas cerimónias do culto solar, especialmente nas que se fazem à estrela d'alva, agente celeste da divindade suprema solarizada. Tal facto confere a esta dupla representação um profundo significado nos planos simbólico e religioso.
Comp. 0,28.
AJ. 938

111 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e decorada de desenhos incisos que retratam o contacto com a cultura europeia.
Para guardar cal para a masca.
A masca da folha de betel, nóz de areca e cal apagada é um hábito muito comum em Timor, ganhando valor simbólico nas cerimónias rituais. A esta prática liga-se o fabrico de diversos objectos, como o das caixas de bambu e da cestaria para o material do betel.
Planificação geral dos motivos de Fernando Galhano.
Alt. 0,21, diâm. 0,02.
AJ. 782

112 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de legendas, flores e uma figura humana que se repete.
Para guardar cal para a masca.
Planificação geral dos motivos de Fernando Galhano.
Alt. 0,17; diâm. 0,02.
AJ. 285

113 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de figuras humanas de ambos os sexos e elementos vegetais.
Para guardar cal para a masca.
Alt. 0,19; diâm. 0,03.
AF. 489

114 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com uma colher de ferro presa por um cordel à face da tampa. Decorada de desenhos incisos de figuras humanas e casas timorenses.
Para guardar cal para a masca.
Alt. 0,11; diâm. 0,04.
AF. 483

115 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de motivos geométricos. À tampa ligam-se, por meio de um cordel, amuletos, uma pinça de latão e uma espátula de osso.
Para guardar cal para a masca.
Alt. 0,13; diâm. 0,03.
AM. 534

116 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de figuras humanas a cavalo, peixes, motivos vegetais.
Para guardar cal para a masca.
Planificação geral dos motivos de Fernando Galhano.
Alt. 0,17; diâm. 0,02.
AX. 934

117 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de cenas da vida timorense: apanha do côco, fabrico de jóias, vida social e cerimonial, e figuras zoomórficas.
Para guardar cal para a masca.
Alt. 0,17; diâm. 0,03.
AZ. 833

118 — Caixa — Hau fatim
Timor

De bambu, tubular e com decoração incisa de cenas da vida timorense vida cerimonial e ritual, velório, cenas de caça, pilagem, fiação e tecelagem.

Para guardar cal para a masca.

Planificação geral dos motivos de Fernando Galhano.

Alt. 0,18; diâm. 0,05.

AZ. 835

119 — Caixa — Hau fatim
Timor, Reino de Halas

De prata, tubular, decorada de frizos encordoados e espiralados nos topos e junto ao fecho da tampa e com uma corrente de prata lançada de topo a topo.

Para guardar cal para a masca.

De salientar que são raras as caixas em prata, sendo mais comum as feitas de bambu.

Alt. 0,11; diâm. 0,02.

AM. 466

120 — Cabaça
Timor

Com estrangulamento acima da linha mediana, castanho encarniçado, é guarnecida de fios e corrente de prata.

Para guardar cal para a masca.

Alt. 0,12; diâm. 0,07.

AM. 520

121 — Caixa
Timor

De bambu em forma de coluna egípcia.

Para guardar betel e areca.

Alt. 0,13; diâm. da base 0,04.

AM. 533

122 — Caixa
Timor

De bambu, forma cilíndrica, seccionada em três partes que encaixam umas nas outras, com corda de suspensão. Decorada de frisos circulares e faixas chanfradas e uma pequena barra com motivos geométricos incisos.

Serve de recipiente.

Alt. 0,20; diâm. máx. 0,80.

AX. 932

123 — Caixa — Au baça
Timor

De bambu, com tampa e corda de suspensão. Sem qualquer ornato, apenas se acentua o ressalto do meritalo, de modo a formar uma barra.

Serve de recipiente para guardar sementes.

Alt. 0,45; diâm. máx. 0,12.

AB. 999

124 — Recipiente
Timor

De bambu, com buraco para a saída do líquido. Decorado com barras de entalhes e cortes geométricos, acentuados com massa branca.

Serve de recipiente para água.

De salientar a importância do bambu no fabrico de diversos objectos com função utilitária, denotando o seu aproveitamento integral, o que leva a falar numa cultura do bambu.

Alt. 0,64; diâm. máx. 0,16.

AJ. 658

125 — Cesto
Timor

Em forma de casa palafítica, feito de tiras de palmeira na cor natural e tingidas a roxo, azul e verde, conjuga as técnicas de entrecruzado e de marchetado. O seu interior é compartimentado em dois sectores, encaixando no corpo central um tabuleiro.

Usado para transportar as oferendas de manjares cerimoniais.

De notar que a cestaria é em Timor uma actividade feminina.

Comp. 0,20; larg. 0,17; Alt. 0,34.

AI. 902

126 — Cesto
Timor

Em forma de casa, feito de tiras de palmeira na cor natural e outras tingidas a violeta pálido, pelas técnicas de entrecruzado e marchetado.

Usado para transportar as oferendas de manjares cerimoniais.

Comp. 0,19; larg. 0,16; alt. 0,23.

AM. 633

127 — Cesto
Timor

Em forma de casa, com quatro pés, feito de tiras de palmeira na cor natural, com a aplicação exterior de algumas tiras tingidas a violeta, verde, rosa e roxo, que formam desenhos de composição geométrica. Combina as técnicas de hexagonal compacta e de entrecruzado.

Usado para guardar o betel, masca constituída pela folha do mesmo nome, nóz de areca e cal.

Tal com o as caixas de bambu, o fabrico deste tipo de cestaria está relacionado com o hábito de mascar, prática muito comum em Timor e com importância simbólica nas cerimónias rituais.

Comp. 0,15; larg. 0,14; alt. 0,22.

AF. 404

128 — Cesto
Timor

Rectangular, com os cantos arredondados, tampa de encaixar por *dentro que serve* de tabuleiro e um outro tabuleiro interior. Feito de tiras de folha de pandanus na cor natural, pelas técnicas de hexagonol compacta e de entrecruzado, com aplicação exterior de tiras tingidas a verde e lilás que desenham figuras esquemáticas de pássaros nas paredes laterais e cruzinhas na tampa.

Usado para guardar o betel.

Comp. 0,18; 0,09; alt. 0,06.

AL. 505

129 — Cesto
Timor (grupo Kemak)

Rectangular, de bordos arredondados, com tampa e tabuleiro interior, feito de tiras vegetais na cor natural e entretecidas pela técnica de hexagonal compacta. Sobrepõem-se tiras tingidas a verde, roxo e violeta que formam estrelas, linhas e pássaros.

Usado por mulheres para guardar o betel.

Comp. 0,15; larg. 0,11; alt. 0,07.

AN. 959

130 — Cesto
Timor

Rectangular, com quatro pés e tampa que serve de tabuleiro. Feito em tiras de folha de palmeira entretecidas pela técnica de entrecruzado. Paredes laterais decoradas de tiras coloridas, pela técnica de marchetado e formando desenhos que correspondem a estilizações da figura humana.

Usado para guardar o betel.

Comp. 0,26; larg. 0,19; alt. 0,13.

AF. 528

131 — Cesto
Timor

De corpo cilindriforme e bordo hexagonal saliente, com tampa de encaixar por dentro que serve de tabuleiro. Feito de tiras de palma, pela técnica de hexagonal compacta, com tiras tingidas a verde, violeta e roxo aplicadas sobre o entretecido e formando desenhos que representam figuras humanas e cavalos na parte superior das paredes laterais, e estilizações humanas na parte inferior das mesmas.

Usado para guardar o betel.

Alt. 0,26; diâm. 0,20.

AF. 407

132 — Cesto
Timor

De corpo cilindriforme e bordo hexagonal saliente, com tampa côncava que serve de tabuleiro. Feito de tiras de pandanus na cor natural, pela técnica de hexagonal compacta, com aplicação de tiras tingidas a lilás, violeta e verde que formam figuras estilizadas de pássaros e elementos vegetais.

Usado para transportar as oferendas de manjares cerimoniais.

Alt. 0,07; diâm. 0,15.

AL. 506

133 — Cesto
Timor

Trapezoidal, com cantos arredondados e tampa côncava que serve de tabuleiro. Feito de tiras de folha de pandanus pela técnica de hexagonal compacta, com alguns elementos de textura tingidos a lilás e verde que desenham nas paredes laterais figuras estilizadas de pássaros e elementos vegetais.

Usado para transportar as oferendas de manjares cerimoniais.

Larg. 0,15; alt. 0,06.

AL. 515

134 — Cesto
Timor

De corpo cilindriforme e bordos hexagonais, com tampa. Feito de tiras vegetais pela técnica de hexagonal compacta, com sobreposição de tiras policromadas que desenham motivos de tipo fitográfico nas paredes laterais e estilizações de pássaros na parte superior.

Usado como recipiente.

Alt. 0,13; diâm. 0,32.

AI. 590

135 — Cesto
Timor

De forma estelar, com tampa, é feito de tiras de folha de palmeira entretecidas pela técnica de hexagonal compacta. Decoração feita pela sobreposição de tiras tingidas a verde, roxo e ciclame que formam desenhos fitográficos e uma estilização da figura humana na parte superior da tampa.

Usado como recipiente.

Larg. 0,24; alt. 0,11.

AF. 452.

136 — Cesto
Timor

De corpo cilindrico e tampa de bordo hexagonal. Feito de tiras vegetais entretecidas pela técnica de hexagonal compacta e decorado de motivos geométricos e estilizações de pássaros, obtidos pela sobreposição de tiras tingidas a lilás, verde e ciclame.

Usado como recipiente.

Alt. 0,14; diâm. 0,12.

AB. 998

137 — Cesto
Timor

De forma estelar, com tampa, é feito de tiras de palmeira entretecidas pela técnica de hexagonal compacta. A decoração é obtida pela sobreposição de tiras tingidas a verde, lilás e violeta que formam estilizações de pássaros nas paredes laterais e da "árvore da vida" na parte superior da tampa.

Usado como recipiente.

Larg. 0,20; alt. 0,08.

AF. 401

138 — Cesto
Timor

De corpo cilíndrico e bordos hexagonais, com tampa, é feito de tiras de folha de palmeira pelas técnicas de hexagonal compacta e marchetado.

A decoração a roxo e violeta forma estilizações do crocodilo nas paredes laterais e uma estrela de seis pontas na parte superior da tampa.

Usado para guardar objectos diversos.

Alt. 0,88; diâm. 0,14.

AF. 441

139 — Cesto
Timor

Paralelepipédico, com cantos arredondados e tampa. Feito de delgadas tiras de palma entretecidas pela técnica de hexagonal compacta, com sobreposição de tiras tingidas a violeta e lilás, que desenham figuras zoomórficas nas paredes laterais e estilizações antropomórficas na face superior da tampa.

Usado como caixa.

Comp. 0,13; larg. 0,08; alt. 0,07.

AF. 438

140 — Cesto
Timor

Paralelepidédico, feito de tiras de folha de palmeira, conjuga as técnicas de entrecruzado e marchetado. Decoração de tipo geométrico nas paredes laterais e na face superior da tampa, nas cores azul escuro e roxo, e cujos motivos correspondem a estilizações abstractizantes da figura humana.

O interior é comportimentado em dois sectores, com um tabuleiro em cada, funcionando o elemento onde encaixam os tabuleiros como um terceiro tabuleiro.

Usado como caixa.

Comp. 0,13; larg. 0,08; alt. 0,08.

AY. 072

141 — Cesto
Timor

De corpo cilindriforme e bordo inferior hexagonal, com tampa de encaixar por dentro que serve de tabuleiro. Feito de tiras vegetais na cor natural, pela técnica de hexagonal compacta, decorado com tiras tingidas a verde e lilás que formam estilizações de pássaros e de elementos vegetais.

Usado para guardar o betel.

Alt. 0,14; diâm. 0,13.

AZ. 888

142 — Esteira
Timor

Rectangular, feita de tiras de palma, pela técnica de entrecruzado em diagonal. Uma série de vazados dispõem-se à volta da esteira, excepto num dos lados, formando como que uma renda. Decorada com tiras tingidas a verde, lilás, roxo e acinzentado e que se sobrepõem no entretecido formando desenhos que representam estilizações da figura humana, de aves e de mamíferos.

Comp. 1,06; larg. 041.

AY. 852

143 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor

De madeira e decorado com uma barra de entalhes nos topos (motivo Dongson). Numa das faces estão esculpidas duas figuras masculinas que representam no plano simbólico os antepassados masculinos. Ver elemento 144.

A heterogeneidade de factores naturais e culturais determinou, em Timor, uma variada tipologia de casas.

Enquanto que nas regiões montanhosas, de clima mais agreste, predominam as casas cónicas, nas planuras as habitações tomam a forma rectangular denotando influências europeias.

Para além de condicionalismos de ordem natural, a construção das casas evidencia contactos culturais e reflecte tradições milenárias.

A concepção cosmológica e religiosa segundo a qual o Universo se divide em três mundos reflectiu-se no microcosmo residencial. Assim, o piso térreo (a maioria das casas timorenses assenta sobre palafitas) é o local onde habitam os espirítos inferiores ligados à divinização da natureza, o piso intermédio funciona como residência dos vivos e o piso superior refere-se ao lugar de culto dos antepassados da linhagem a que a família pertence.

Em algumas regiões as casas têm a rematar a cobertura uma "kakuluk", troço de madeira decorado com motivos antropomórficos e zoomórficos. Tradicionalmente estas peças assinalavam a origem e a filiação da linhagem dos habitantes da casa.

Também a ornamentação simbólica da casa bem como as cerimónias que precedem e finalizam a sua construção evidenciam a distinção social. No extremo leste de Timor as conchas que se suspendem do telhado são colocados segundo uma ordem determinada pelo "status" do chefe de família.

As casas "lulik" (sagradas) são objecto de ritos próprios de consagração, distinguem-se por pormenores de acabamento e são o local onde se guardam objectos sagrados ou os que foram pertença dos antepassados. Muitas vezes estas casas situam-se em lugares igualmente "lulik".

Comp. 1,30; larg. 0,24.
AF. 572

144 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor

De madeira, decorado com uma barra de entalhes nos topos (motivo Dongson). Numa das faces estão esculpidas duas figuras femininas que representam os antepassados femininos.

Forma unidade com o elemento 143.
Comp. 1.28; larg. 0,28.
AF. 573

145 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor, Baukau, Suco de Fatumaca

De madeira e com a figura de um homem esculpida em relevo numa das faces. Ver elemento 146.

Elemento decorativo de casa de chefe de "suco".
Comp. 1,00; larg. 0,25.
AF. 516

146 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor, Baukau, Suco de Fatumaca

De madeira e com a figura de uma mulher esculpida em relevo numa das faces.

Elemento decorativo de casa de chefe de "suco". Forma unidade com o elemento 145.
Com. 1,03; larg. 0,28.
AF. 515

147 — Painel decorativo de casa
Timor, Los Palos (grupo Fataluku)

De madeira e com decoração de entalhes (motivo Dongson) cheios a cal. Na parte central uma rosácea ladeada por dois pares de pássaros e nas partes laterais motivos espiralados. Habitualmente colocam-se abaixo das janelas.

Comp. 0,77; larg. 0,41.

AZ. 842

148 — Elemento estrutural de casa
Timor

De madeira e com secção de encaixe nos topos. Uma das faces apresenta sulcos profundos e desnivelados, com a superfície decorada com entalhes espiralados (motivo Dongson). Ver elemento 149.

Elemento decorativo de uma casa, constitui unidade com outros.

Comp. 2,17.

AF. 613

149 — Elemento estrutural de casa
Timor

De madeira e com secção de encaixe nos topos. Uma das faces apresenta sulcos profundos e desnivelados, com a superfície decorada com entalhes espiralados (motivo Dongson). Ver elemento 148.

Elemento decorativo de uma casa, constitui unidade com outros.

Comp. 2,09.

AF. 614

150 — Elemento estrutural de casa
Timor

De madeira e com secção de encaixe nos topos. Uma das faces apresenta sulcos profundos e desnivelados, com a superfície decorada com entalhes espiralados (motivo Dongson) e cheios de uma pasta branca. Ver elemento 151.

Elemento decorativo de uma casa, constitui unidade com outros.

Comp. 2,00.

AF. 615

151 — Elemento estrutural de casa
Timor

De madeira e com secção de encaixe nos topos. Uma das faces apresenta sulcos profundos e desnivelados, com a superfície decorada com entalhes espiralados (motivo Dongson) cheios de uma pasta branca. Ver elemento 150.

Elemento decorativo de uma casa, constitui unidade com outros.

Comp. 1,96.

AF. 616

152 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor

De madeira, com um espigão em cada topo e uma das faces totalmente coberta por entalhes espiraladas (motivo Dongson) cheios a cal. Os motivos decorativos dizem respeito a estilizações geométricas da figura humana.

Comp. 1,71; larg. 0,30.

AF. 602

153 — Elemento de painel decorativo de casa
Timor

De madeira com um espigão em cada topo e uma das faces totalmente coberta por entalhes espiralados (motivo Dongson) cheios de cal. Os motivos decorativos dizem respeito a estilizações geométricas da figura humana.

Comp. 1,56; larg. 0,27.
AF. 608

154 — Porta de casa — Oda-Matan
Timor

De uma só peça de madeira e decorada com entalhes espiralados (motivo Dongson) cheios a cal.

Na parte superior da porta está representada um adorno de cabeça, o Kai-Bawk (ver 33), num plano inferior figuram dois seios de mulher em relevo e, abaixo da linha média, destaca-se um rectângulo cujos motivos, de carácter geométrico e abstracto, dizem respeito a estilizações da figura humana.

Alt. 1,52.
AF. 511

155 — Pilar de casa
Timor

De madeira e com o topo superior cortado em crescente. Decorado com entalhes espiralados (motivo Dongson) num sector próximo do topo superior e num anel na parte inferior, que dá mostras de ter sido enterrado.

Alt. 2,33.
AF. 611

156 — Pilar de casa
Timor

De madeira e com o topo superior cortado em crescente. Decorado com entalhes espiraladas (motivo Dongson) num sector próximo do topo superior e num anel na parte inferior, que dá mostras de ter sido enterrado.

Alt. 2,33.
AF. 612

157 — Pote
Timor

De barro rosado, forma esférica e com beira ondulada na boca. Superfície decorada, após a cozedura, de motivos desordenados e variados sobressaindo estrelas e figuras zoomórficas.

A olaria constitui em Timor uma ocupação antiga, sendo os reinos de Baucau, Vèmasse e Viquéque os locais onde a indústria do barro maior importância teve.

Tarefa feminina, o trabalho é realizado por processos rudimentares sem auxílio de roda ou torno de oleiro. A moldagem é executada à mão, apenas com o auxílio de uma pequena pá que serve de batedor, de um batente de pedra ou de barro e de um anel de folha de palmeira usado na feitura dos bordos dos recipientes.

A bilha, o pote e o prato são os principais utensílios fabricados, embora em Viquéque se possam também encontrar vasos. A decora-

ção é normalmente simples, podendo surgir desenhos mais elaborados e com sentido simbólico, embora de traço fruste.
Alt. 0,29; diâm. 0,31
AF. 575

158 — Vaso
Timor

De barro rosado, pé baixo e vazado e boca de beira ondulada. A superfície das paredes laterais é decorada de motivos geométricos em relevo e círculos gravados.
Alt. 0,16; diâm. 0,21
AF. 552

159 — Pote
Timor, Baucau, Laga

De barro rosado, forma esférica, com abertura circular e bordo revirado. O bordo e a zona junto ao bocal são decorados de desenhos geométricos pintados.
Alt. 0,19; diâm. 0,23.
AF. 398

160 — Pote
Timor, Alas-Suro

De barro avermelhado, forma esférica e boca com beira virada. A parte superior é guarnecida de uma barra em relevo com motivos ondulados, e a parte interior da beira apresenta circulos vermelhos sobre massa rosada.
Alt. 0,30; diâm. 0,31.
AF. 566

161 — Vaso
Timor, Alas-Suro

De barro rosado, forma de meia esfera assente em pé vazado.
O exterior levou um banho de barro vermelho e foi polido; o interior está toscamente salpicado de figuras geométricas e estilizações de homens e de animais pintadas a pincel.
Alt. 0,16; diâm. 0,21.
AF. 551

162 — Pote
Timor, Rosa, Los Palos, Lautem.

De barro rosado, forma de esfera achatada, boca sem beira e rebordo circular a servir de base.
A superfície é decorada de figuras humanas, em barro vermelho, por um processo que faz lembrar as pinturas rupestres.
De salientar o significado magico-simbólico da representação da figura humana, ligando-se ao culto dos antepassados e à ideia de protecção contra os espíritos malignos.
Alt. 0,22; diâm. 0,30
AF. 574

163 — Pote
Timor

De barro rosado, com a parte inferior em calote esférica e a superior mais alfa e em tronco de cone, com boca estreita e bordo alargando para fora.

A parte tronco-cónica é decorada de desenhos pintados a dois tons de castanho e que representam casas, figura humana, cavalo, veados, aves, elementos vegetais e barco à vela, o que empresta ao objecto uma profusa carga simbólica.

Alt. 0,26; diâm. 0,29.

AF. 601

164 — Prato
Timor

De barro vermelho, forma de calote esférica e assente em pé baixo e vazado.

Alt. 0,09; diâm. 0,23.

AF. 547

165 — Prato
Timor

De barro avermelhado, forma de calote esférica e assente em pé alto. Decorado de uma estrela pintada no interior e linhas onduladas no exterior e no pé.

Alt. 0,19; diâm. 0,14.

AZ. 885

166 — Bilha
Timor, Baucau

De barro rosado, constituída por duas calotes, invertidas uma sobre a outra, tendo a superior um tubo e no topo três furos. Decoração de linhas onduladas.

Alt. 0,16; diâm. 0,14.

AF. 399

167 — Tijela
Timor

De barro rosado, forma esferoide e assente em pé baixo. Decorada de desenhos geométricos pintados no exterior e no interior.

Alt. 0,09; diâm. 0,15.

AF. 394

168 — Bilha
Timor

De barro rosado, bojo esferoide, com gargalo estreito e pouco alto. Decoração de linhas onduladas.

Alt. 0,25; diâm. 0,23.

AK. 201

169 — Pá
Timor

De madeira, cabo grosso e parte inferior espalmada e lisa.

Serve de batedor na moldagem, e alisamento do barro, tendo como apoio o batente que se coloca por dentro do recipiente, ao mesmo tempo que se vai batendo com a pá. Ver 170.

Comp. 0,24.

AF. 591

170 — Batente
Timor

De barro rosado e forma de cogumelo.

Serve de apoio das paredes interiores do recipiente ao bater com a pá. Ver 169.

Alt. 0,05; diâm. 0,08.

AZ. 881

Das suas idas a Timor, Ruy Cinatti trouxe grande cópia de excelentes fotografias, algumas das quais supomos serem de autoria do fotógrafo profissional Salvador de Almeida Fernandes, que acompanhou o Poeta em várias de tais missões, e que em parte ilustram as duas obras agora dadas à estampa, e bem assim a presente exposição. Uma lacuna grave diminui consideravelmente o valor deste precioso material: a ausência, em inúmeros casos, de elementos precisos de identificação, além da menção genérica de **Timor**.

Apesar disso, entendemos apresentá-las aqui mesmo sem essas indicações, atendendo à importância de se documentar o mais profusamente possível a paisagem e os aspectos humanos da ilha, e como últimos e insubstituíveis testemunhos de um mundo — um povo e uma cultura — cuja extinção se está a consumar em nossos dias.